

SEXTA IPB / GV

Da Bíblia ao Púlpito

O Caminho da Pregação que
Transforma"

Diego Martins / 2025

SEXTA IPB / GV

Da Bíblia ao Púlpito

O Caminho da Pregação que
Transforma"

Diego Martins / 2025

1 - A PREGAÇÃO BÍBLICA EXPOSITIVA

Um termo muito usado quando se quer falar de pregação bíblica é “Pregação Expositiva”. Mas, afinal, o que é pregação expositiva?

De modo geral, a pregação bíblica tem sido identificada como “pregação expositiva”. Esse termo é usado principalmente quando pregadores pretendem diferenciar sua pregação de uma pregação considerada “temática”.

“A pregação expositiva é a pregação centrada na Bíblia. Ou seja, manusear o texto de tal forma que o significado essencial e real seja manifesto e aplicado às necessidades atuais dos ouvintes, como ele existe na mente do escritor bíblico em particular e como ele existe à luz de todo o contexto da Escritura”.¹

O que torna uma pregação expositiva não é o tamanho ou a exclusividade de uma passagem bíblica, mas se o pregador está expondo um conceito bíblico que foi extraído da própria bíblia através do uso responsável das ferramentas exegéticas² que ele dispõe, de tal maneira que o contexto histórico, cultural, literário e teológico da passagem seja considerados na interpretação e exposição bíblica.

2 - OS FUNDAMENTOS DA PREGAÇÃO BÍBLICA EXPOSITIVA

Devemos extrair alguns princípios práticos que norteiam a nossa tarefa como pregadores bíblicos e determinam se nossa pregação é ou não pregação bíblica expositiva:

¹ Greidanus. *O pregador Contemporâneo e o Texto Antigo*, 26.

² Diferentes tipos de traduções bíblicas; Comentários bíblicos.

1 – Deus é a razão da pregação

O pregador precisa ter a consciência de que a autoridade da pregação não reside no homem que por si mesmo não tem nada para dizer. O pregador não é um ser superior aos outros, mas um ser humano como qualquer outro, sujeito às mesmas qualidades e defeitos. Por conta disso, o pregador deve ser humilde diante de sua tarefa. Isso parece raro em nossos dias, pois estamos acostumados a assistir na televisão vários pregadores personalistas falando de seus próprios ministérios e pouco da palavra de Deus.

Martinho Lutero certa vez declarou:

“Malditos todos os pregadores que, nas igrejas, procuram por coisas altas, difíceis e sutis, para apresentá-las ao povo nas suas pregações, buscando glória e fama, e tentando agradar a um ou dois ambiciosos”.

2 – A Palavra de Deus determina a mensagem

O segundo fundamento da pregação bíblica expositiva a ser reafirmado é que a Bíblia é a Palavra de Deus escrita, e por isso, é ela que deve determinar o conteúdo e a mensagem da pregação.

A primeira parte desta declaração – **“a Bíblia é a Palavra de Deus escrita”** – pressupõe duas importantes convicções por parte do pregador, as quais vêm sendo desafiadas em tempos pós-modernos: **Revelação e Inspiração**.

Uma vez que os pregadores cristãos creem que a Bíblia é a revelação inspirada de Deus, eles devem pregá-la como a verdade de Deus. A convicção que os pregadores têm a respeito é essencial para determinar o modo como eles pregam.

A segunda parte da declaração acima – **“as Escrituras determinam o conteúdo e a Mensagem da pregação”** – pressupõe a convicção de que

mesmo que o contexto cultural no qual o pregador está envolvido possa levantar algumas questões a respeito de “**Como**” pregar e aplicar a Palavra de Deus, é a Escritura que determina “**O que**” deve ser pregado.

Um problema comum nas pregações atuais é que a mensagem, por mais que tenha um conteúdo bíblico, não reflete a mensagem específica da passagem bíblica. Muitas vezes o texto é apenas um pretexto para se falar daquilo que já está no coração ou na mente do pregador.

O desafio do pregador é pregar a Palavra sem apresentar uma versão diferente dela. A Palavra de Deus é a mesma sempre, independente de cultura, época ou cosmovisão, e o pregador não pode negociar a sua integridade.

3 – Existe uma estreita relação entre o Espírito Santo e a pregação

Os resultados de nossa pregação dependem do Espírito Santo. Sem a ação do Espírito Santo não haveria pregação, somente discurso humano. Sem a ação do Espírito Santo as pessoas não entenderiam a mensagem e os pregadores não cumpririam o ministério da Palavra.

Segundo Nelson Kirst, *“Tudo o que é dito na Bíblia sobre o ouvir Deus deve ser entendido como um ouvir da fé”*.² Kirst ainda esclarece que esta estreita relação entre o Espírito Santo e a Pregação pode ser observada em diversas passagens da Bíblia tais como:

- O começo do ministério de Jesus que só começa depois do batismo pelo Espírito Santo conforme Marcos 1.9;
- Quando Jesus envia seus discípulos para pregar sobre o Reino, conforme Mateus 10.19, Ele também promete o Espírito Santo que

² Kirst, *Rudimentos de Homilética*, 12.

falaria através deles quando eles enfrentassem tribunais, governadores e reis;

- O apóstolo Paulo declara que ele recebeu o Espírito de Deus de forma que ele não falava em palavras pensadas pela sabedoria humana, mas pelo Espírito (1Coríntios 2.12 e Atos 9.17-20).

Dessa forma, em meio a esta cultura na qual os grandes absolutos são rejeitados e as verdades são consideradas relativas, pregadores contemporâneos devem colocar sua confiança na atuação do Espírito Santo que faz com que a nossa pregação imperfeita soe como palavras de Deus nos corações dos ouvintes.

4 – A mensagem deve falar primeiramente ao pregador

A verdade contida no conceito explorado na pregação deve afetar, acima de tudo, a própria vida e personalidade do pregador antes de afetar a vida dos ouvintes. O pregador transmite a sua mensagem através da sua personalidade, por isso a integridade do pregador é algo fundamental na pregação. Segundo Handdon Robinson,

“Deus está mais interessado em desenvolver mensageiros do que mensagens, visto que é através da Bíblia que o Espírito Santo nos confronta, precisamos em primeiro lugar, aprender a escutar a Deus, antes de falarmos em nome dEle”.³

³ Robinson. *Pregação Bíblica*, 26.

Uma vez que a Palavra faz sentido a vida do pregador, agora ela deve ser aplicada a vida dos ouvintes. Um sermão expositivo, portanto, valoriza a aplicação, pois é ela que dá propósito à pregação.

Uma pregação sem aplicação prática geralmente se torna desinteressante. Logo, *é importante que a nossa pregação esteja conectada com o mundo em que vivemos e fale às pessoas de nossos próprios dias.*

A aplicação eficaz não deixa os ouvintes com perguntas do tipo: “E para que serve?”.

Robinson prossegue afirmando:

“A aplicação eficaz nos lança tanto na teologia como na ética. Passando da exegese para a aplicação, fazemos uma viagem difícil através de perguntas relacionadas com a vida e que por vezes causam perplexidade”.⁴

Concluindo, um sermão expositivo é muito mais do que explicar um texto bíblico longo, versículo por versículo. **Sermão expositivo é a exposição de um conceito bíblico tratado em uma passagem específica, interpretado à luz de seu contexto, aplicado a vida do pregador e dos ouvintes. Não é uma questão de estrutura homilética, mas de conteúdo.**

3 - A TAREFA DA PREGAÇÃO

A tarefa da pregação tem como ponto de partida o estudo do texto bíblico e termina no local onde o pregador encontra seus ouvintes. É um trabalho contínuo, mas podemos identificar três momentos distintos dentro do processo:

⁴ Robinson. *Pregação Bíblica*, 29-30.

1º MOMENTO – A escolha do texto bíblico e sua exegese.

Segundo Gordon Fee e Douglas Stuart a exegese é o estudo cuidadoso e sistemático da Escritura para descobrir o significado original do texto que será exposto. A exegese é basicamente uma tarefa histórica. ***É a tentativa de escutar a Palavra do mesmo modo que os destinatários originais devem tê-la ouvido***; descobrir qual era a intenção original das palavras da Bíblia. Essa é a tarefa que exige a ajuda do “especialista”, aquelas pessoas cujo treinamento as ajudou a conhecer bem o idioma e as circunstâncias dos textos no seu âmbito original. No entanto, não é necessário ser um especialista para se fazer uma boa exegese.

Na realidade, de algum modo todos são exegetas. A única questão real é se você vai ser um bom exegeta. Quantas vezes, por exemplo, você ouviu ou disse: “*O que Jesus queria dizer com aquilo foi*”, ou “*Naquele tempo, tinham o costume de*”? São expressões exegéticas empregadas mais frequentemente para explicar as diferenças entre “eles” e “nós” ou para dar mais uma razão do nosso uso de um texto de uma maneira nova ou diferente.

No entanto, o problema com boa parte disso é **(1)** que tal exegese frequentemente é seletiva de mais, e **(2)** que as fontes consultadas frequentemente não são escritas por “verdadeiros especialistas”, ou seja: são fontes secundárias que também empregam outras fontes secundárias, em vez de fontes primárias.

1. Embora todos façam a exegese do texto em alguns casos, e embora com muita frequência tal exegese seja bem feita, mesmo assim tal prática tende a ser feita somente quando há um problema óbvio entre os textos bíblicos e a cultura moderna.

Considerando que a exegese realmente deve ser feita em tais textos, insistimos que o primeiro passo *é ler TODO o texto*.

O problema real com a exegese “seletiva” é que com frequência a pessoa atribuirá a um texto suas próprias ideias, completamente estranhas, e isso fará da Palavra de Deus algo diferente daquilo que Deus realmente disse. Por exemplo, um dos autores deste livro recentemente recebeu uma carta de um evangélico bem conhecido. Este argumentava que o autor não deveria comparecer a uma conferência com outra pessoa bem conhecida, cuja ortodoxia em certo ponto era considerada suspeita. A razão bíblica dada para evitar a conferência foi 1 Tessalonicenses 5.22 : *“Afastem-se de toda forma de mal”* (NVI). Se, porém, nosso irmão tivesse aprendido a ler a Bíblia exegeticamente, não teria usado o texto dessa maneira. Ora, 1 Tessalonicenses 5.22 foi a palavra final de Paulo inserida num *parágrafo* aos tessalonicenses a respeito das expressões carismáticas na comunidade. O que Paulo diz, na verdade, é: “Não tratem com desprezo as profecias, mas ponham à prova todas as coisas; e fiquem com o que é bom, afastem-se de tudo que é nocivo”. Então “afastar-se de toda forma de mal” tem a ver com “profecias”. Ao serem testadas, estas se revelam como não provenientes do Espírito. ***Fazer esse texto significar alguma coisa que Deus não pretendeu é abusar do texto, e não usá-lo. Para evitar erros desse tipo, devemos aprender a pensar exegeticamente, ou seja, começar no passado, lá e antigamente, procedendo dessa forma com todo o texto.***

2. Ao consultar os “especialistas” devemos buscar as melhores fontes. Por exemplo, em Marcos 10.24 (Mt 19.23; Lc 18.24), no término da história do jovem rico, Jesus diz: *“Filhos, como é difícil entrar no reino de Deus!”* – e acrescenta – *“É mais fácil um camelo passar pelo fundo de uma agulha do que um rico entrar no reino de Deus”*. Algumas vezes, você ouvirá alguém dizer que havia uma porta em Jerusalém conhecida como “Fundo da

Agulha”, pela qual os camelos somente poderiam atravessar de joelhos, e com grande dificuldade. A “lição” dessa “interpretação” é que um camelo poderia realmente passar pelo “Fundo da Agulha”. No entanto, o problema dessa “exegese” é que simplesmente não é verdadeira. Nunca houve semelhante porta em Jerusalém, em qualquer período de sua história. A primeira “evidência” que se conhece em prol de tal ideia é achada no século XI, no comentário de um eclesiástico grego chamado Teofilacto, que tinha a mesma dificuldade com o texto que nós temos. Afinal de contas, é impossível para um camelo passar pelo fundo de uma agulha, e era exatamente o que Jesus queria ensinar. É impossível para alguém que confia nas riquezas entrar no Reino. É necessário um milagre para uma pessoa rica receber a salvação, o que é certamente a lição das palavras que se seguem: “Para Deus tudo é possível”.⁵

2º momento – Hermenêutica do texto bíblico escolhido.

Embora a palavra “hermenêutica” geralmente se aplique a todo o campo da interpretação, ela também é usada no sentido mais específico, que é o de ***procurar a relevância contemporânea nesta última acepção – fazer as perguntas acerca do significado da Bíblia “aqui e atualmente”*** – embora saibamos que esse não seja o significado mais comum do termo.

Afinal, é essa questão do “aqui e atualmente” que nos leva à Bíblia logo de início. Então por que não começar daqui? Por que nos preocupar com a exegese? De fato, o mesmo Espírito que inspirou a escrita da Bíblia pode igualmente inspirar nossa leitura dela. Em certo sentido, isso é verdade, e não pretendemos com este estudo tirar de pessoa alguma a alegria da leitura devocional da Bíblia e o senso de comunicação direta envolvido em tal leitura. Mas a leitura devocional não é o único tipo que se deve praticar. Devemos

⁵ Fee & Stuart. Entendes o que lês?, 31-33.

também ler para aprender e compreender. Em suma, você deve também aprender a *estudar* a Bíblia, que, por sua vez, deve ser sua base da leitura devocional. E isso nos leva à nossa insistência de que uma boa “hermenêutica” começa com uma boa “exegese”.

A razão por que *não devemos começar* com o aqui e atualmente é que ***o único controle apropriado para a hermenêutica se acha na intenção original do texto bíblico.*** Conforme notamos anteriormente, esse é o “significado claro” que estamos procurando. De outra forma, os textos bíblicos podem ser forçados a significar tudo quanto significam para qualquer leitor determinado. Tal hermenêutica, no entanto, torna-se pura subjetividade, e quem, pois, vai dizer que a interpretação de uma pessoa é certa, e a de outra pessoa, errada? Qualquer coisa serve.

Em contraste com semelhante subjetividade, insistimos que ***o significado original do texto – dentro dos limites de nossa capacidade para discerni-lo – é o ponto objetivo de controle.*** Estamos convictos que o batismo dos mórmons em prol dos mortos, com base em 1Coríntios 15.29, ou a rejeição da divindade de Cristo pelas testemunhas de Jeová, ou o uso que os manipuladores de serpentes fazem em Marcos 16.18, ou a propagação do sonho norte-americano feita pelos “evangelistas da prosperidade”, com base em 3João 2, são todos casos de interpretações *inapropriadas*. Em cada caso, o erro está em sua hermenêutica, exatamente porque sua hermenêutica não é controlada por uma boa exegese. Eles começam a partir do “aqui e atualmente” e atribuem aos textos “significados” que não representam a intenção original. E o que vai impedir uma pessoa de matar sua filha por causa de um voto impensado, como fez Jefté (Juízes 11.29-40)? Ou o que vai impedir alguém de alegar, como foi o caso de certo

pregador, que uma mulher nunca deve usar coque no cabelo porque a Bíblia diz para não fazer isso?⁶

É claro que se pode argumentar que o bom senso impedirá a pessoa de tamanha insensatez. Mas, infelizmente, nem sempre o “bom senso” é tão comum assim. Queremos saber o que a Bíblia significa para nós – e isso é certo. No entanto, não podemos fazê-la significar o que nos agrada, e depois dar os “créditos” ao Espírito Santo. O Espírito Santo não pode contradizer a si mesmo; afinal foi ele que inspirou a intenção original. Assim, a ajuda do Espírito é nos conduzir à descoberta da intenção original, e nos orientar nos momentos em que procuramos fielmente aplicar o significado à nossa própria realidade.⁷

Os principais equívocos na interpretação

Muitos absurdos ensinados hoje e antigamente, são, na verdade, grandes equívocos de interpretação. Não é por acaso que já foi dito que a *“Bíblia é a mãe de todas as heresias”*. Como nós não queremos reforçar esta tese, precisamos ficar atentos aos seguintes equívocos:

1. Equívoco da aplicação direta

É a tentativa de fazer uma conexão direta entre o texto bíblico e a nossa realidade sem considerar os contextos históricos e culturais. É tentar entender o texto a luz de nossa própria cultura e experiência desconsiderando o fato de que o texto foi escrito em outra língua, cultura, época e lugar. O resultado

⁶ Para embasar seu argumento, o pregador valeu-se da tradução inglesa (KJV) de Marcos 13.15: “Let him that on the house - *top not go down*” (Quem estiver no telhado não desça [...]). O equívoco do pregador estava em afirmar que a Bíblia dizia explicitamente *“topknot go down”* (baixe o topete/desfaça o coque) e, portanto proibia o coque no cabelo. Para isso, ele se valeu de algumas palavras de Marcos 13.15, totalmente fora de contexto, para defender sua posição. Perceba que a troca ou confusão de palavras (*top not/topknot*) só pode ser notada em inglês; em português, tal equívoco seria impossível.

⁷ Fee & Stuart. Entendes o que lê?, 37-33.

reflete em práticas estranhas para os nossos dias, bem como em usos e costumes radicais. Ex: 1Coríntios 11.4-7.

2. Equívoco da alegorização

Este é um dos mais comuns em nossos dias. Ocorre quando o intérprete rejeita a realidade histórica, terrena e física da qual o texto fala e cruza a lacuna histórico-cultural com analogias espiritualizadas ou moralistas a respeito da realidade do texto bíblico. Por exemplo, interpretar o Gigante Golias como o gigante da depressão e cada pedra que Davi lançou em Golias representa uma coisa boa para vencer a depressão.

3. Equívoco de transformar descrições em prescrições

Na tentativa de uma aplicação direta, muitos acabam transformando meros detalhes **descritivos** de uma narrativa em **prescrição** e regras para hoje. Já ouvi muitos pregadores usarem o exemplo do cego Bartimeu que lança sua capa fora para se aproximar de Jesus, dizendo que nós devemos fazer assim como Bartimeu, lançar tudo aquilo que é valioso para nos aproximar de Jesus.

Esta pode até ser uma verdade bíblica, mas certamente não é o significado específico deste texto. Todas as vezes que focamos em detalhes descritivos e tentamos transformá-los em prescrições e regras interpretamos mal a passagem.

4. Equívoco da imitação de personagens

Por fim, algo comum e perigoso é a tentativa de imitar as atitudes dos personagens achando que este é o objetivo do texto. Claro que os personagens bíblicos são grandes exemplos de fé, coragem e determinação. Mas eles também são exemplos do que não fazer. Às vezes quando focamos

tão somente num personagem corremos o risco de deixar de lado o foco central do texto que é o próprio Deus. Podemos nos identificar com os personagens, seus erros e acertos, mas não devemos necessariamente tornar as atitudes deles como prescrições para nós hoje.

3º MOMENTO – A CONSTRUÇÃO DO SERMÃO.

Uma vez que o texto bíblico foi estudado e compreendido, o pregador passa a selecionar o conteúdo que vai usar para construir o sermão. Neste momento ele deve escolher a melhor estrutura homilética. É o momento de pensar cuidadosamente nas divisões; no que deve ser explicado sobre o texto; nas ilustrações, frases de efeito, introdução e conclusão.

Algumas perguntas que devem guiar a mente do pregador são: O que apresentar para os ouvintes? Como organizar o conteúdo? Com ilustrar o ensino?

4º momento – A entrega do sermão.

Este é o momento do encontro do pregador com seus ouvintes. Ele de ser precedido de um tempo de oração e preparo pessoal no qual o pregador se familiariza com o conteúdo de seu sermão. O pregador precisa demonstrar segurança e domínio da matéria.

A comunicação da mensagem envolve uma série de fatores, desde o estilo de comunicação do pregador até o ambiente onde o sermão é proferido.

A pergunta que deve guiar o pregador nesta hora é: Como apresentar bem o conteúdo do sermão para os meus ouvintes? Quais os recursos que podem ser usados para facilitar a compreensão dos ouvintes?

Estes três momentos são fundamentais para a pregação: o trabalho exegético e hermenêutico, o trabalho homilético, e as disciplinas de técnicas de comunicação.

Entretanto, a tarefa da pregação como um todo está diretamente relacionada com o agir do Espírito Santo na vida do pregador e através dele.

AS FORMAS QUE OS SERMÕES ASSUMEM

O conteúdo que compõe os sermões é constituído basicamente por dois tipos de material: **(1) Exposição Bíblica** – a explicação do contexto histórico, cultural, teológico e de tudo que envolve o texto bíblico e que diz respeito a vida daqueles para quem o texto foi escrito ou a respeito de quem foi escrito; e **(2) Aplicação Bíblica** – é o esforço de tornar a mensagem atual e relevante para quem pregamos, demonstrando que a Palavra de Deus continua fazendo sentido para a vida do homem e tem implicações hoje.

Outros materiais como exemplos, ilustrações e citações também completam o conteúdo da pregação e são importantes na composição do sermão, mas sempre com o objetivo de auxiliar tanto na exposição quanto na aplicação bíblica.

Uma vez que o trabalho exegético está feito e o pregador já tem bem claro o significado do texto bíblico para os primeiros destinatários, as aplicações que deve fazer aos seus ouvintes, e já selecionou suas ilustrações, citações e exemplos, cabe a ele agora identificar qual é o melhor formato para a organização de todo o conteúdo do sermão. **É o momento da escolha da estrutura homilética.**

Como em todo texto literário, a estrutura básica de um sermão consiste em “começo, meio e fim”, ou seja, “introdução, desenvolvimento, conclusão”.

A grande distinção em termos estruturais nos sermões diz respeito ao movimento do desenvolvimento do sermão. Vamos observar duas tendências:

A ESTRUTURA HOMILÉTICA CLÁSSICA (DEDUTIVA)⁸

Introdução

A introdução tem o objetivo primário de despertar a atenção, interesse e simpatia dos ouvintes para o sermão. O professor *Greidanus* sugere ainda que a introdução já ilustre a necessidade ou problema do sermão.

Portanto, uma ilustração relacionada com o problema que vai ser tratado no texto pode despertar nos ouvintes a devida atenção para o que vai ser pregado. Esta ilustração deve ser breve e de preferência sem aplicações preliminares.

Após a ilustração introdutória uma transição é necessária para contactar a explicação do texto bíblico.

Explicação

É o ponto inicial do sermão que tem por objetivo demonstrar aos ouvintes que o assunto pregado deriva do texto bíblico. Neste momento o pregador esclarece aos ouvintes as questões relacionadas com o pano de fundo da passagem bíblica e demonstra como chegou a conclusão de qual é o tema do sermão.

É o momento de apresentar os personagens, o contexto histórico e esclarecer o problema / necessidade que envolve o texto bíblico e que muitas vezes deu origem a exortação.

Nesse momento o pregador evita ser muito extenso, pois esta é apenas uma parte preparatória para o desenvolvimento do sermão que vem a seguir com a apresentação e desenvolvimento do tema.

⁸ Gouveia, H. Rudimentos de Retórica Sagrada.

Tema

Segundo Herculano Gouvêia, “o tema é o sermão sintetizado”.

Esta definição de tema traduz bem a ideia de que o tema é na verdade a mensagem central do sermão e da passagem estudada. É a conclusão que o pregador chegou a respeito do texto bíblico. É a verdade bíblica que será ensinada como verdade de Deus para a vida da igreja.

Esta verdade deve ser apresentada de forma clara. Uma ideia completa que não deixe dúvidas do ensino bíblico da passagem em questão.

Desenvolvimento (Argumentação)

Constitui o corpo da pregação. É através da argumentação que o pregador procura desenvolver e aplicar o tema (proposição) do sermão.

Os argumentos devem respeitar a estrutura do texto bíblico. Portanto, devem ser na quantidade que o próprio texto oferece de acordo com a sua estrutura.

Cada argumento deve estar relacionado entre si e sujeito ao tema para que não seja um sermãozinho dentro do sermão. Eles devem ser equivalentes em conteúdo e formato.

Uma boa sugestão para construção de um argumento é:

- ***Enunciado*** que aponte com clareza o teor do argumento;
- ***A base bíblica*** do embasamento ao argumento;
- ***A explicação do texto*** que embase o argumento;
- ***Aplicação*** do argumento;
- ***Ilustração*** do que está sendo aplicado;
- ***Conclusão*** do argumento.

Conclusão

É a parte final da pregação. Dela depende o êxito do trabalho todo. A conclusão deve levar os ouvintes a compreensão do que se quis transmitir e ensinar, bem como a uma decisão e a prática das verdades aprendidas. Se na introdução o foco foi o problema, na conclusão o foco deve ser a graça e o propósito da mensagem.

UMA PROPOSTA NARRATIVA PARA O SERMÃO

“AS QUATRO PÁGINAS DO SERMÃO”⁹

As “Quatro Páginas do Sermão” constituem uma metáfora que identifica quatro funções teológicas do sermão. Não se trata de quatro páginas literais, mas quatro movimentos distintos da pregação. Na verdade, cada página significa $\frac{1}{4}$ do sermão e providencia um foco específico dentro do desenvolvimento do sermão.

O Conteúdo de Cada Página (movimento) do Sermão (Sumário):

Introdução: Antecede a P. 1 do sermão e exerce a importante função de cativar e convidar os ouvintes a se engajarem na proclamação das boas novas do evangelho. A introdução toma a forma de uma história (ilustração) que aponta o problema ou as boas novas do evangelho que serão tratados no sermão. A introdução deve ser breve, simpática e realmente relacionada com a mensagem.

⁹ Método baseado no livro “The Four Pages of the Sermon” de Paul Scott Willson.

Página 1: O mundo do texto bíblico através das lentes do problema. Este primeiro movimento do sermão apresenta o mundo do texto bíblico visto através das lentes do problema. O pregador expõe o texto da pregação de forma narrativa com o propósito de apontar o problema que é tratado pelo texto bíblico. Este problema diz respeito a falha humana em viver de acordo com a vontade de Deus, as consequências desta atitude, e os danos causados pelo pecado tanto para o relacionamento com o Deus, como para com a criação. Às vezes este problema está claro no próprio texto bíblico, e às vezes pode ser o problema que ocasionou a redação ou transmissão do texto.

Página 2: O nosso mundo através das lentes do problema: Esta parte do sermão pode ser pensada como um movimento de aplicação da P.1, que explora em nossos dias e época o mesmo tipo de problema encontrado no mundo do texto bíblico. Este movimento identifica a pecaminosidade no nosso mundo (um foco horizontal), e/ou o julgamento e desprazer de Deus contra a falha humana (foco vertical). Ordinariamente este movimento contém uma história (ilustração) que exemplifica ou expressa o problema, a pecaminosidade, a falha humana, ou pecado em vista. Nesta parte o pregador pode apresentar sugestões práticas de atitudes corretivas e introduzir parte da missão que pretende incentivar em seus ouvintes.

Página 3: O mundo bíblico através das lentes das boas novas: Esta parte do sermão apresenta as boas novas do Evangelho em resposta ao problema apresentado nos dois primeiros movimentos do sermão. A boa nova é sempre a ação salvadora de Deus que motiva e capacita seu povo para enfrentar o problema, o julgamento, a pecaminosidade ou o pecado específico tratado anteriormente. Esta boa nova deve ser declarada em uma frase. A frase ou sentença que descreve esta boa nova é a “frase-tema” do

sermão. Desde que a ação salvadora sobre o problema é antes de tudo a ação de Deus (Pai, Filho, e/ou Espírito Santo), Ele deverá ser o sujeito gramatical da frase-tema. As duas últimas páginas do sermão apresentam esperança e boas novas que são apresentadas como uma resposta ao problema apresentado nas páginas um e dois.

Página 4: Nosso mundo através das lentes das boas novas: Este quarto movimento do sermão identifica uma ação de Deus similar àquela apresentada na P.3, mas que se manifesta agora em nossos dias e época. Esta página do sermão pode ser entendida como um segundo movimento de aplicação que aponta para o que Deus está fazendo em relação ao problema em nosso mundo, o qual foi identificado na primeira metade do sermão. Este movimento geralmente contém histórias contemporâneas (ilustrações) que exemplificam a ação de Deus sobre o problema, o pecado, e suas consequências no mundo. O pregador deve focar no que Deus já está fazendo para resolver o problema do pecado e suas consequências.

Conclusão: Uma breve conclusão declara uma vez mais o problema e celebra a graça de Deus que retira dos ombros humanos a carga do problema na medida que Ele age sobre isto. A missão é retomada como um convite ao serviço e não com um fardo.

Estes quatro movimentos, antes de qualquer coisa, devem ser entendidos como uma gramática homilética ou uma estrutura profunda para a apresentação do sermão. Eles servem também como um método de pregação rudimentar. As páginas, grosso modo, são proporcionais, sendo que pelo menos metade do sermão enfatiza a esperança ou as boas novas. Histórias que mostram nossa condição decaída na página dois e histórias (ilustrações) que narram a ação de Deus hoje (em nosso mundo) na página

quatro são extremamente úteis para a comunicação da mensagem bíblica em nossa cultura oral, visual e televisiva.

Objetivos do Método das “Quatro Páginas do Sermão”

O método visa encorajar o pregador(a) à: (1) preparar sermões mais bíblicos; (2) atentar mais para a graça de Deus; (3) apresentar a mensagem de uma maneira simples; (4) repensar os velhos métodos de composição de sermões; (5) resgatar o valor das narrativas; (6) e amar a tarefa da pregação.

Características do Método

Bíblico: 50% do sermão é voltado para a exposição bíblica - P.1 e P.3; **Imaginativo:** define e determina tarefas criativas e específicas para cada página do sermão e para dia da semana. O método sugere quebrar a tarefa de composição do sermão em tarefas teológicas menores ao longo da semana; **Teológico:** reconhece que pregação deve estar alicerçada e fortalecida no diálogo com a teologia bíblica e sistemática; **Pastoral:** conecta as necessidades locais e globais dos ouvintes com o amor e a graça de Deus; **Evangélico:** proclama o Evangelho da Graça.

Exemplo 1: Êxodo 16. 1 – 10;

Página 1(Problema/Necessidade no mundo bíblico): O povo de Israel demonstra a sua ingratidão reclamando.

Página 2 (Problema/Necessidade no mundo atual): Nós demonstramos nossa ingratidão reclamando.

Página 3 (Graça no mundo bíblico): Deus é gracioso apesar da reclamação e ingratidão do povo.

Página 4: (Graça no mundo atual): Deus é gracioso apesar de nossa reclamação e ingratidão.

Exemplo 2: 1Coríntios 15. 35 – 58;

Página 1 (Problema/Necessidade no mundo bíblico): Alguns coríntios viviam como se a morte fosse o fim.

Página 2 (Problema/Necessidade no mundo atual): Muitos ainda vivem como se a morte fosse o fim.

Página 3 (Graça no mundo bíblico): Cristo vence a morte através de sua morte e ressurreição.

Página 4: (Graça no mundo atual): Cristo nos livra da morte através de sua morte e ressurreição.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FEE, Gordon D, STUART, Douglas. ***Entendes o que lês?*** São Paulo: Vida Nova, 2011.

GREIDANUS, Sidney. ***O pregador Contemporâneo e o Texto Antigo***. São Paulo: Cultura Cristã, 2006.

JONES, Lane, STANLEY, Andy. ***Comunicação que Transforma***. São Paulo: Vida, 2010.

KIRST, Nelson. ***Rudimentos da Homilética***. São Paulo: Paulinas, 1985.

NICHOLAS, David. ***O que fizeram do Evangelho?*** São Paulo: Z3 Editora, 2012.

ROBINSON, Handdon W. Pregação Bíblica: ***O desenvolvimento e a entrega dos Sermões***. São Paulo: Shedd Publicações, 2002.

WILSON, Paul Scott. ***The four Page of the Sermon***. A guide to Biblical Preaching. Nashville: Abington, 1999.

STOTT, John W. ***Eu creio na pregação***. São Paulo: Vida, 2012.

STOTT, John W. ***O perfil do pregador***. São Paulo: Vida Nova, 2011.

Apostila: ***Curso de Pregação Bíblica Expositiva***. Prof.: Adrien J. Bausells, 2013.

Comentários do Novo Testamento. Editora Cultura Cristã.

Comentários Expositivos. Hernandes Dias Lopes. Editora Hagnus.

ANEXO 1: EXEMPLO DE SERMÃO DEDUTIVO (CLÁSSICO)

Texto Bíblico: 1Coríntios 15.35 – 58

Introdução

Muito devem se lembrar de um personagem antigo do Programa Zorra Total chamado “Seu Saraiva” e sua famosa frase: “Pergunta idiota, tolerância zero!”. Diante de perguntas sem sentido, repetitivas ou sarcásticas, Seu Saraiva de pronto mandava uma resposta dura, acompanhado de sua frase marcante: “Pergunta idiota, tolerância zero!”.

Explicação

De semelhante forma, Paulo responde uma pergunta retórica feita por ele mesmo a certos coríntios que questionavam acerca da ressurreição e com que espécie de corpo viriam os ressuscitados. A utilização do termo “insensato” iniciando o v.36 nos demonstra uma resposta com “tolerância zero”, o que nos faz deduzir que tais questionamentos já haviam sido feitos por esses coríntios e mais ainda, tinham sido feitos em tom de zombaria.

É importante ressaltar que esses coríntios eram influenciados pelos filósofos gregos que negavam a imortalidade do corpo, portanto recusavam escutar a mensagem das Escrituras do Antigo Testamento, o relato da ressurreição de Jesus, e a promessa de que os crentes em Cristo ressuscitarão dos mortos.

Logo, não nos admiramos que Paulo tenha dado expressão à sua aversão com a palavra “insensatos”.

A partir dessa pergunta retórica, Paulo se detém a responder tais questões através de ilustrações (da semente, da carne e dos corpos celestes) que demonstram a fragilidade da morte diante do poder soberano de Cristo e afirmam a possibilidade da ressurreição em Cristo Jesus.

TEMA: O PODER DE CRISTO ESTÁ ACIMA DE TUDO, ATÉ MESMO DA MORTE.

Esse é o tema central de 1Coríntios 15.35-58, Deus, através de Paulo, orienta a comunidade de Corinto, com um sólido conteúdo doutrinário, a entender que a ressurreição por meio de Cristo é algo de grande poder salvífico, vivificante e esplendoroso. Sendo assim temos o primeiro ponto:

1 – Não nasceremos, se primeiro não morrermos (v.35-41).

Paulo se refere ao mundo das plantas, por se um mundo que fornece ilustrações vivas da continuidade da vida.

Ele confronta aqueles que negam o relato da ressurreição e aponta para algo que essa pessoa provavelmente faz de tempos em tempos: semear sementes.

Imagine Paulo se aproximando dos questionadores e dizendo:

“Vamos pensar em uma atividade comum que muitos fazem rotineiramente: Semear. Analisamos as condições climáticas, preparamos o solo e finalmente semeamos a semente. Se o solo estiver fértil, com umidade suficiente e temperatura adequada, ela germina certo? Pois bem, o processo de germinação faz com que a semente se desintegre (morra) e dê nascimento a uma nova vida na forma de uma planta, que se torna madura e produz sementes”.

Paulo foi altamente feliz em sua ilustração, pois se aplica ao corpo humano que na morte desce à sepultura. Ou seja, a vida procede da morte. Um fato importante de se ressaltar é que na ilustração de Paulo no v. 36, o homem semeia a semente, mas é incapaz de causar a germinação e a nova vida.

De semelhante forma, nenhum ser humano consegue produzir vida nova a partir do corpo que já retornou ao pó. Somente Deus, por intermédio

de Cristo, pode reaguntar as partículas do pó do corpo humano para fazê-lo nascer em forma glorificada e novidade de vida.

Paulo dá ênfase à verdade que da semente que está morrendo surge nova vida.

No v.38 Paulo explica que Deus elabora seu plano de criação em harmonia com seu arbítrio, e que isso incluirá o corpo humano que é ressuscitado dos mortos. Sabemos que Deus está no controle, e assim aguardamos o dia da ressurreição para receber um novo corpo.

A partir da primeira analogia, que a vida sai da morte, Paulo passa para a segunda, a dissimilaridade da carne. No v.39 ele escreve sobre a substancia física das criaturas vivas, isto é, a carne de seres humanos, animais aves e peixes. Não há dúvida de que a fisiologia de todas essas criaturas difere consideravelmente. A carne do ser humano é diferente da do gado, das aves ou do peixe, porque Deus criou cada um diferente do outro. Na criação de Deus, encontramos uma impressionante variedade que se complementa mediante sua não conformidade.

O que Paulo tenta dizer com essa segunda analogia? Ela deve ser entendida como um seguimento da última parte do versículo trinta e oito.

Assim como há uma grande diversidade no mundo vegetal, assim também há infinita dissimilaridade no mundo do homem, do animal, da ave e do peixe. Deus pôs os seres humanos acima de todas as outras categorias de criaturas que Paulo enumerou aqui em ordem descendente. Não poderíamos esperar, então, que Deus desse tanto a homens como mulheres um corpo transformado e glorificado?

Ele não nomeou Adão para ser o cabeça de sua criação? E não o coroou com glória e honra? Todas essas perguntas retóricas merecem resposta positiva.

No v. 40, Paulo faz uma terceira analogia, discernindo os luminares celestes, o Sol, a Lua e as estrelas.

O contexto dos versículos 40 e 41 demonstra que Paulo está falando em esferas celestiais, e não em corpos angelicais. A questão nessa analogia não está na grandeza de certos objetos, e sim o esplendor que cada um revela. Assim como um planetário uma estrela difere de outro em brilho e grandeza, nenhum é sem importância. Deus criou-os todos com graus variados de grandeza. Portanto, se Deus cercou os luminares celestes de glória indescritível, também é capaz de vestir os seres humanos com um corpo transformado e glorificado.

2 - Semeamos o corpo na corrupção, Jesus nos ressuscita na incorrupção (v.42-49).

Creio que todos se lembram do filme Matrix. Um filme que revolucionou o cinema no quesito efeitos especiais. O filme conta a história de um homem chamado Neo, que foi o escolhido para salvar o mundo dos terríveis inimigos da humanidade.

Neo passou a viver sua vida se preparando para sua tão importante missão: salvar o mundo. Este dia chegou, quando o maior inimigo da humanidade, o agente Smith, e Neo se depararam para um duelo mortal.

Em uma batalha de tirar o fôlego, Neo é derrotado pelo agente Smith e acaba morrendo, condenando a humanidade a um terrível fim nas mãos do poderoso agente Smith.

Entretanto, algo sobrenatural acontece e Neo retorna a vida de forma miraculosa. Dessa vez com uma força inigualável e um corpo totalmente regenerado e poderoso. Neo se livra de um corpo frágil e dá lugar a um corpo perfeito.

Em Jesus, algo semelhante acontece conosco. Paulo escreve que toda essa criação foi sujeita à futilidade. Por causa do pecado do homem e da maldição subsequente de Deus, ela está em servidão à decomposição conforme afirmado em Romanos 8.19-21: "A ardente expectativa da criação

aguarda a revelação dos filhos de Deus. Pois a criação está sujeita à vaidade, não voluntariamente, mas por causa daquele que a sujeitou, na esperança de que a própria criação será redimida do cativeiro da corrupção, para a liberdade da glória dos filhos de Deus".

Este mundo maculado pela corrupção não será aniquilado na consumação, e sim renovado. Então será restaurado em incorrupção. Nesta vida, os corpos físicos de crentes suportam as incursões da corrupção, mas na ressurreição, esses corpos serão levantados em incorrupção.

"Semeia-se em desonra, ressuscita em glória". Embora as pessoas que assistem a cultos fúnebres prestem o devido respeito ao morto, permanece o fato de que a morte rouba da pessoa toda a dignidade. No funeral, nós entregamos um corpo ao pó da terra. Os enterros são lembranças vivas e constantes da maldição da morte, que Deus pronunciou sobre Adão e Eva e seus descendentes.

Ainda enfrentamos o efeito da morte mesmo que saibamos que seu poder foi destituído. Nosso corpo retornará ao pó, mas no fim dos tempos ressuscitará dos mortos.

Quando a morte ocorre e o corpo desce à sepultura, o princípio da vida eterna permanece válido. Mantendo a correlação da semente com o corpo, afirmamos que o enterro é uma semeadura figurada em antecipação à futura safra no dia determinado da ressurreição. Permanece a promessa de que receberemos um corpo glorificado unido a uma alma glorificada. Assim, a plenitude da vida eterna virá quando o corpo for renovado e reunido com a alma em glória.

"É semeado em fraqueza, é ressuscitado em poder". Quando a morte separa a alma do corpo, o cadáver é completamente impotente. Ele é uma mera casca da alma que partiu. Mas quando o corpo volta à vida em glória e é reunido com a alma, demonstra um poder que é inimaginável.

"É semeado um corpo físico, é ressuscitado um corpo espiritual". Essa sentença difere das três anteriores, pois contrasta os aspectos físicos e espirituais do corpo.

O contraste do corpo físico com o corpo espiritual é profundo, porque se refere ao corpo mudado e glorificado de Jesus.

Depois da morte e ressurreição de Jesus, os discípulos reconheceram o seu corpo glorificado. Portanto, sabemos que Jesus tem seu próprio corpo físico agora no céu. Nós também teremos o nosso corpo no dia da ressurreição. Paulo identifica o corpo renovado como sendo espiritual, o que significa que não é imaterial, mas assume uma dimensão diferente.

Paulo dá a entender que nosso corpo físico é dirigido por nossa alma, e ele descreve nosso corpo ressuscitado dos mortos como sendo completamente cheio do Espírito, e governado pelo Espírito.

Depois de escrever que uma pessoa tem um corpo físico e um espiritual, Paulo prova seu ensino pela escritura do Antigo Testamento. Quando Deus criou Adão e Eva, eles tinham um corpo físico sem pecado. Depois da queda no pecado, o corpo deles já não era adequado para que o Espírito Santo o enchesse permanentemente. Quando Cristo redime o seu povo, o corpo de cada um torna-se templo do Espírito.

A sentença "o último Adão, porém, é espírito vivificante" refere-se a Cristo ressurgindo dos mortos. Quando ele derrotou a morte, obteve um corpo humano transformado, que é espiritual. Quando ressurgiu dos mortos, o Espírito Santo tornou-se o espírito de Cristo. E o Espírito concedeu a Cristo o poder de dar a vida a seus seguidores e fazer com que o corpo físico deles ficasse igual ao seu próprio.

Jesus Cristo, como o segundo Adão, participou da humanidade que nós herdamos do primeiro Adão. O corpo físico de Jesus foi sujeito à morte, mas foi ressuscitado em forma glorificada. O fato de que Jesus está no céu é nossa garantia de que nós também seremos como Jesus e estaremos com

Ele eternamente, pois semeamos o corpo na corrupção, mas Jesus nos ressuscita na incorrupção.

3 - A morte da morte, pela transformação em Cristo Jesus (v. 50-58).

O filme Transformers conta a história de robôs alienígenas que vieram se esconder no planeta Terra, pois o seu planeta de origem tinha sido destruído pelo terrível Megatron. Esses robôs alienígenas se camuflam em carros, caminhões e até mesmo aviões, para passarem despercebidos aos olhares humanos.

Mas quando o terrível Megatron chega ao planeta terra para destruí-lo também, esses robôs precisam deixar suas formas de veículos e se transformarem em robôs de guerra. A transformação desses robôs em máquinas de guerra dá fim ao terrível Megatron que só traz a morte e destruição.

Assim seremos nós, quando tivermos nossos corpos restaurados e glorificados em Cristo Jesus: venceremos a morte.

Paulo inicia dizendo que o corpo mortal em seu estado atual não pode entrar na presença de Deus. Somente na transformação, quando Deus cumprir sua promessa em relação a todos os santos, os redimidos herdarão o reino de Deus.

Paulo prossegue afirmando também que nem a corrupção herdará o que é corrupto. As expressões reino de Deus e incorrupção apontam para o fim dos tempos, quando Cristo entregará a Deus o reino habitado por cidadãos que compartilham de sua incorrupção.

Paulo prossegue afirmando, no v. 52, que a última trombeta soará para anunciar a ocorrência da ressurreição. Esse toque da trombeta é o toque final na história da redenção, em que nenhuma só pessoa do povo de Deus será negligenciada. Os mortos se levantarão em um estado incorruptível, e aqueles que estiverem vivos quando Cristo vier serão transformados.

Pela última vez nessa epístola, Paulo cita passagens proféticas das escrituras do Antigo Testamento (Isaías 25:8; Oséias 13:14).

Olhando para trás, para o triunfo de Jesus sobre a morte, e para frente, para a vitória de todos os crentes, Paulo irrompe em júbilo. Ele compreende que é o fim do inimigo mortal da vida: a morte. Ainda que a morte continue a exercer domínio como último inimigo de Cristo, Paulo sabe que Deus o destruirá. Os dias da morte estão contados. Paulo zomba da morte e pergunta: "onde está, ó morte, a tua vitória? Onde está, ó morte, o teu aguilhão?".

Essa segunda profecia ele toma emprestado de Oséias, que escreve que Deus resgatará os filhos de Israel do túmulo e os livrará da morte.

Em um único versículo (v.56) Paulo expressa a doutrina do pecado, da lei e da morte. O pecado é a causa da morte, e o conhecimento do pecado vem pela lei. Resumindo, a lei revela o pecado cometido contra Deus. Dá poder ao pecado, porque sem a lei o pecado está morto. A lei declara culpado e condena o pecador à morte. Assim, a lei é um instrumento de morte porque o pecador é incapaz de cumprir as suas exigências.

Depois de um longo discurso doutrinário, Paulo chega ao clímax sobre a ressurreição. Nesse clímax ele expressa sua gratidão a Deus pela vitória obtida por meio de Jesus Cristo.

Jesus morreu por causa de nossos pecados e venceu a morte por nós, levantando-se da sepultura. Por meio de sua morte, ele libertou-nos da servidão do pecado, e declarou nos justos diante de Deus. Com base na sua ressurreição e glorificação, nós aguardamos com ansiedade nos tornar iguais a Ele. Pela fé em Cristo, compartilhamos sua vitória sobre Satanás, a morte, o inferno e a sepultura.

Deus nos dá a vitória por nosso Senhor Jesus Cristo. Nós o conhecemos como nosso Senhor, e em gratidão o servimos sem distração,

fazendo a sua vontade. Cristo é o nosso Senhor vitorioso e nós somos seus servos agradecidos.

Conclusão

A ressurreição de Cristo é a doutrina central da fé cristã. Não seguimos um Cristo preso na cruz, retido no túmulo, mas o Cristo vivo e todo-poderoso. A ressurreição de Cristo é a garantia de que Sua obra expiatória a nosso favor foi plenamente eficaz e aceita pelo Pai. Ele morreu pelos nossos pecados e ressuscitou para a nossa justificação.

A ressurreição de Cristo nos prova que a morte não tem a última palavra. O aguilhão da morte foi tirado. Cessou o poder da morte. A morte foi vencida. A morte que hoje arranca lágrimas dos nossos olhos já foi vencida por Jesus. Não haverá mais a morte que nos tem feito chorar. A ressurreição de Cristo nos mostra que a vida não é um simples viver, nem a morte é um simples morrer. Se Cristo ressuscitou, também nós vamos ressuscitar. Que Deus nos ajude a viver de forma coerente com a fé que temos na ressurreição dos mortos.

ANEXO 2: EXEMPLO DE SERMÃO 4 PÁGINAS

Texto Bíblico: Êxodo 16.1-10

Introdução

Conta-se a historia de uma mãe solteira com uma filha criança que estavam passando serias dificuldades financeiras e foram pedir ajuda pelas ruas da cidade.

Mae e filha, em um ato de extrema humilhação, param próximas a um semáforo e pedem auxilio a todos que cruzam com elas, infelizmente sem sucesso; ninguém as ajudava com nada, nem com miseras moedinhas.

De longe, observava tudo, um jovem que estava vendendo laranjas. Em um ato de compaixão, o jovem se dirige até mãe e filha e diz: - Gostaria de ajuda-las, mas também não tenho dinheiro, mas tenho este saco de laranjas e vou dar para vocês.

A mãe abre um sorriso de orelha a orelha e com grande alegria recebe as laranjas e neste momento a filha diz para o jovem: - Que ajudinha mais fuleira hein moco, laranja não mata fome, e tem mais, pelo menos poderiam vir descascadas.

A reclamação da menina demonstra sua ingratidão ao ato de bondade do jovem, mesmo diante de uma ajuda espontânea.

De semelhante forma...

O POVO DE ISRAEL DEMONSTRA SUA INGRATIDAO RECLAMANDO.

O povo de Israel vivia em cativo e escravidão no Egito, e sob o comando de Moises assistem a grandiosa mão de Deus agindo em favor deles para a libertação de seu povo. Aguas se transformam em sangue, rãs se espalham pela terra, piolhos infestam a cabeça dos egípcios, e diversas

outras pragas atormentam Faraó e todo o Egito. Tudo isso para demonstrar o poder do Deus de Israel para a libertação o de seu povo. E com a decima e última praga, a morte de todos os primogênitos do Egito, inclusive dos animais, Faraó finalmente deixa o povo partir e a libertação finalmente chega.

Ao saírem do Egito rumo ao deserto, o calor durante o dia é insuportável e o frio durante a noite é congelante, mas Deus os guia durante o dia com uma coluna de nuvem sobre eles para dar-lhes sombra e durante a noite com uma coluna de fogo para aquece-los.

O povo de Israel também presenciou o mar vermelho se abrir para que eles pudessem passar com os pés secos e posteriormente se fechar para encobrir faraó e seu exército egípcio que os perseguiram para escraviza-los novamente.

Em um determinado momento, após terem caminhado três dias sem encontrar água, o povo chega sedento a um lugar chamado Mara. A esperança brilha nos olhos do povo e já podem sentir o frescor das águas em suas bocas e encharcando os seus rostos, as crianças se agitam e correm na frente de seus pais para se deliciarem naquelas águas, mas o inesperado acontece.

As águas de Mara são amargas, impossibilitando-os de saciar a penosa sede.

Com a mesma velocidade que o povo coloca água em suas bocas, eles rapidamente as cospem pelo chão.

Mas o poder de Deus se faz presente e eles presenciam as águas de Mara se tornarem potáveis e todo o povo sacia sua sede.

Após terem presenciado todas essas manifestações do poder de Deus em favor do povo, 75 dias depois de partirem do cativeiro do Egito, o povo de Israel chega ao deserto de Sim e reclama a Moises e Arão dizendo: - Era melhor ter morrido no Egito de "bucha" cheio, comendo carne e pão a vontade do que vocês terem nos trazido para o deserto para nos matar de fome.

Certamente eles não estão trazendo a memória a provisão de Deus diante do povo há poucas semanas atras, como em Mara por exemplo.

O povo já tinha visto o poder de Deus em favor deles em diversas situações, mas estão cegos pelas circunstancias e, de forma ingrata, reclamam a Moises e Arão.

O povo de Israel demonstra sua ingratidão reclamando.

De igual modo: **NÓS DEMONSTRAMOS NOSSA INGRATIDAO RECLAMANDO.**

Quando cheguei ao Seminário eu estava vivendo um momento de intensa gratidão a Deus. Grato por tudo que Deus fez em minha vida até aquele momento. De como Ele me resgatou de uma vida de pecado no início da juventude e me restaurou.

Deus me sustentou em minha decisão de me afastar de tudo, emprego, família, amigos para vir para o seminário, e pude presenciar o poder dEle em todas as coisas que cooperaram para que eu pudesse chegar ate aqui.

Mas com o passar do tempo, algumas coisas começaram a ser diferentes do que eu esperava e algumas situação começaram a me incomodar. Fatalmente a reclamação o começou a fazer parte do meu vocabulário constantemente, e toda aquela gratidão a Deus, aos poucos, foi sendo esquecida e a ingratidão se fez presente.

Reclamava do seminário, reclamava de alguns professores (o de homilética e pratica de pregação o nunca esteve incluído), reclamava da minha igreja, reclamava da minha situação financeira e não conseguia ser grato a Deus diante das circunstancias e nem me recordava de tudo que ele fez e continuava fazendo por mim.

Muitas vezes as reclamações e consequente e ingratidão fazem mais parte de nossa vida do que as orações de gratidão a Deus por tudo

que ele fez e continua fazendo por nos . Alguns dias atras eu vi uma frase no facebook que me chamou atenção: “A reclamação o denuncia um ingrato”.

E é a mais pura verdade, nossas reclamações sobre as circunstancias da vida denunciam a nossa ingratidão a Deus. **Nos demonstramos nossa ingratidão reclamando.** Mas ao retornarmos a historia do povo de Israel nos vemos que:

DEUS É GRACIOSO APESAR DA RECLAMACAO E INGRATIDAO DO POVO

Diante de toda a reclamação o do povo, o Senhor Deus diz a Moises: - Farei chover do céu pão, e o povo saíra e colhera diariamente a porca o para cada dia. Moises ouve as palavras do Senhor e se alegra muito e corre para Arão para que possam anunciar a notícia ao povo.

O povo esta faminto e inquieto, as crianças pedem alimento aos pais, pois estão fracas de fome, e a reclamação o do povo aumenta ainda mais. Todos estão sem esperança, quando surgem Moises e Arão para lhes falar: - Povo de Israel, esta tarde vocês saberão que foi o Senhor quem os tirou do Egito e amanha vocês verão a Gloria do Senhor, pois ele ouviu a reclamação o de vocês contra Ele. E isso acontecera quando o Senhor der para vocês pão a vontade pela manha e carne pela tarde.

O povo ouve tudo atentamente e espera ansiosamente o outro dia para poder ver se de fato, aquilo aconteceria. As crianças não conseguem dormir direito, tamanha a ansiedade para que o outro dia chegue logo.

No outro dia, logo cedo, o povo se levanta e não acredita no que vê; o chão coberto de finas fatias de pão, as crianças saem em disparada para encher os bolsos com o que já não cabia dentro da boca.

A alegria é imensa e as mulheres pegam os seus cestos para recolherem a quantidade necessária para sua família. Podemos comer ate passar mal, dizem as crianças com as bocas cheias de pão.

E essa alegria se torna ainda maior no início da tarde, quando um enorme grupo de codornizes invade o acampamento. "Esta aberta a caca as codornas", gritam os homens que arrematam varias codornas com um unico golpe de cajado.

O povo se alimenta de pão e de carne a vontade e **Deus e gracioso apesar da reclamação o e ingratidão do povo.**

E essa graça foi demonstrada de forma perfeita na pessoa de Jesus, ao dar sua vida pela humanidade que se voltara contra Deus em imensa ingratidão.

Mesmo quando a humanidade vivia distante de Deus em completa ingratidão, Jesus deu sua própria vida em nosso lugar demonstrando a graça de Deus em favor de nos.

Jesus e o pão da vida e afirma isso em Joao 6.49-50 dizendo: "**Os seus antepassados comeram o mana no deserto, mas morreram. Todavia, aqui esta o pão que desce do céu, para que não morra quem dele comer. Eu sou o pão vivo que desceu do céu. Se alguém comer deste pão, vivera para sempre**".

Jesus e o perfeito pão do céu que da a verdadeira vida a todos que dEle se alimentam, ou seja, creem que Ele e o unigênito de Deus, Salvador do mundo.

E ainda hoje...

DEUS E GRACIOSO APESAR DE NOSSA RECLAMACA O E INGRATIDAO

Charles Plumb era um piloto americano de um avião bombardeiro na guerra do Vietna. Charles era arrogante e reclamão, para ele nada estava bom o bastante. Certo dia, quando chega ao quartel, ele vê um senhor mexendo em suas coisas e revoltado com a situação, desfere palavrões e ofensas ao senhor, sem sequer dar a chance do pobre homem se explicar, e afasta aquele senhor aos berros.

Naquele mesmo dia, seu avião foi atingido por um míssil em território inimigo e Charles pulou do avião com seu para-quedas, foi capturado e ficou preso por seis anos até ser solto. Ao retornar aos Estados Unidos, certo dia Charles vai a um restaurante para almoçar e abordado por um senhor, que lhe pergunta: - Você é Charles Plumb?

Charles logo se recorda daquele homem e lembra que era ele o homem que mexeu em suas coisas no dia de sua prisão e diz: - Sou eu sim. E você é o senhor mal educado que mexeu em minhas coisas sem a minha permissão no dia que meu avião foi abatido e eu fui preso.

E o senhor respondeu: - Sou eu sim, naquele dia você tinha se esquecido de pegar o para-quedas e eu o coloquei junto de suas coisas. Vejo que foi útil!

Assim é Deus conosco: **Deus é gracioso apesar de nossa reclamação e ingratidão**. Mesmo quando as situações adversas chegam e a única coisa que tenhamos feito foi reclamar, Deus ainda assim coloca o para-quedas em nossas coisas.

Deus sabe dar bons presentes aos seus filhos, mesmo quando somos filhos mimados que só sabem reclamar de tudo e de todos.

Guarde isso em seu coração: Deus sabe tudo que você está passando e a mão poderosa dele está sempre atuante em sua vida.

Que possamos substituir nossas reclamações em palavras de gratidão a Deus por tudo que fez, faz e ainda vai fazer por nós.

CONCLUSÃO

Mesmo quando somos reclamões e ingratos, Deus continua sendo gracioso e fiel.

Em nome de Jesus, que esse amor de Deus por nós, venha nos constranger a fim de darmos graças a Ele em tudo e em todos os momentos.

E em total demonstração de gratidão o rendermos nossa vida a este Deus, amarmos acima de tudo este Deus e vivermos para este Deus.